

Organização, gestão e controle do trabalho em plataformas de aplicativos. O Instagram como lugar de resistência, interação e solidariedade.¹

Ludmila Rodrigues Antunes (UFF)

Rayssa Marques Lopes Sabino (UFF)

Cresce o número de estudos voltados para a compreensão do trabalho precarizado em plataformas digitais. Essa pesquisa buscou contribuir com reflexões sobre alguns segmentos de trabalhadores e trabalhadoras de aplicativos no Brasil (e grupos na América Latina), a partir da observação da seleção de uma de suas expressões de interação e comunicação digital. As observações apresentadas, bastante preliminares, partiram de um estudo anterior sobre o conjunto e características das precariedades que marcam o cotidiano dos trabalhadores e trabalhadoras por aplicativos de delivery iniciado no contexto da pandemia de COVID-19.

Pautamos nossas reflexões por abordagens multidimensionais e transdisciplinares sobre o fenômeno da precariedade, porque consideramos a discussão como primordial nas indagações existentes sobre a reprodução social do trabalho e da vida; da mesma está a precariedade ancorada nas formas polissêmicas do tema da informalidade e explicitada nas análises históricas em contextos geográficos e suas conjunturas específicas.

Nesse aspecto, para uma compreensão mais abrangente dos campos de disputa na acumulação do capital financeiro e das mudanças no mundo do trabalho -representada pela intensificação da informalidade e precariedade nas formas de produção e reprodução da vida ao longo dos últimos 40 anos-, as chaves que escolhemos estão nas características da reestruturação produtiva das últimas décadas do século XX e início do século XXI (ANTUNES, 2001, 2014). Esse texto e a pesquisa em si estão inspirados pelas clássicas considerações teóricas de Luiz Antônio Machado da Silva (2002) e na literatura especializada de Ricardo Antunes (2006, 2018, 2020) sobre trabalho, informalidade e precariedade. As discussões da renovada atenção acadêmica

¹ VIII ENADIR.GT09: Dimensões do digital na antropologia do direito.

sobre a centralidade do trabalho, que retomou lugar fundamental para a compreensão da atual conjuntura em diferentes áreas de estudos teóricos ou políticos sobre o mundo do trabalho e da vida, foram consideradas para análise, assim como o expressivo crescimento das pesquisas e publicações sobre o trabalho em plataformas de aplicativos durante e após a pandemia e a decorrente crise sanitária e econômica. Parece ser bastante elucidativo nesse objeto particular dos segmentos de trabalhadores (as) analisados(as) merecendo, pois, importante atenção. Ao apresentar alguns dos principais aspectos das formas de organização, gestão e controle da produção e reprodução da vida no trabalho em plataformas de aplicativos, buscou-se fazer algumas ponderações ao que se configurou analiticamente denominar uberização ou plataformização e tecer observações sobre o atual contexto brasileiro.

PIRES (2017), ao discutir o precário e a precarização, com sensibilidade analítica e teórica, dialoga e propõe argumentação que infere sobre as relações de poder e moralidades que perpassam os padrões de normas e regras, que não estão explicitados exclusivamente pelos resultados da algoritmização da vida. A precariedade vivida pelos(as) trabalhadores(as) brasileiros(as), pautada pela sensibilidade jurídica de nossa sociedade, mostra cotidianamente regras aplicadas particularizadamente a diferentes sujeitos por distintas autoridades. Entregadores(as), motoboys e mototaxistas “não vistos” como indivíduos que possuem direitos pelos agentes do Estado, estes os responsáveis pelo controle do espaço urbano (LIMA, 2019 *apud* ANTUNES; ROCHA, 2021).

Como explicitado, a reflexão foi iniciada sobre o conjunto das demandas mais expressivas apresentadas pelas categorias de trabalhadores de aplicativos estudadas em um período de 15 meses, no período de maio de 2020 a setembro de 2021, e em sua segunda fase de março de 2022 até setembro de 2022.

O trabalho se deu basicamente a partir de relatos nas redes sociais, na plataforma do *Instagram*, mídia escolhida por maior facilidade durante a pandemia, a fim de observar semelhanças, diferenças e contrastes, propostas e experiências narradas pelos posts e outros instrumentos existentes nos perfis². Sob o viés qualitativo-interpretativo,

² Na fase 1 da pesquisa utilizamos bastante de reportagens de jornais locais ou nacionais, e especialmente das discussões realizadas no âmbito das reuniões do grupo de pesquisa da Universidade Federal Fluminense, o LAESP-UFF que faz parte do INCT-INEAC.

realizamos levantamento e sistematização na literatura nacional disponível, livros, artigos científicos e reportagens. As considerações finais cuidam da apresentação de inquietações, expectativas, e sistematização de algumas observações resultantes das análises.

Com relação às formas de organização, gestão e controle da produção e reprodução da vida no trabalho em plataformas de aplicativo, a reflexão sobre a forma do trabalho em plataformas digitais de aplicativos no Brasil revela as inquietações teóricas para várias áreas das ciências sociais ou da economia do trabalho. Diante da complexificação dos fenômenos, é consenso entre os estudiosos do tema que não há entendimentos precisos. Ratificar como as precariedades e a informalidade estrutural do mercado de trabalho e da vida no trabalho caminharam alinhadas no hemisfério sul, além de mostrar similitudes com o hemisfério norte, ao menos desde 2008, parece razoável no que se refere a um mundo do trabalho cada vez mais informalizado, precário e com ocupações realizadas por meio das plataformas digitais; resguardadas as muitas ressalvas sobre os contextos e conjunturas macroeconômicas, e regimes de proteção social. Refere-se a uma conjuntura extremamente desfavorável a qualquer tipo de trabalhador, e ao quanto a sua vulnerabilidade cresce e sua vida está ameaçada pela contínua perda de direitos sociais, do trabalho e previdenciários. A situação do trabalho dos(as) entregadores(as) de plataforma em aplicativos no Brasil e outros(as) trabalhadores(as) de plataforma expõe os riscos desde sempre inerentes às relações precárias e informais do trabalho no Brasil, relações que não flertaram com quaisquer tipos de formalidades, entendidas durante longo período como seu oposto formal/informal (MACHADO DA SILVA, 2002).

Ao tempo da chamada reestruturação tecnológica e financeira, entre outros fatores políticos e econômicos, a perda de postos de trabalho e ausência de investimento na criação de novas ocupações nos setores afetados, poderia explicar a desocupação de postos de trabalho. Os desdobramentos dos conflitos estudados sobre o tema do trabalho precário mostram que as novas apostas na regulação para categorias informais e hiperflexibilizadas -como antevia Machado da Silva (2002)- e afirmou receberem novas denominações em novos contextos, nas vicissitudes de ressignificação do trabalho, que não poderiam obter êxito. Duas décadas depois, frente às dificuldades adicionais

trazidas pelas reformas do Trabalho e da Previdência, esteios do mundo laboral clássico (ANTUNES; FERRAZ; KRUGEL, 2022), estamos mergulhados num contexto amargo.

O *Instagram* é um canal que faz visualizar injustiças e denúncias com fotos e vídeos e gravações de lives de acidentes ou uma prisão considerada indevida, nos quais o uso de força policial foi desnecessária ou não ocorreu socorro apropriado. São frequentes e numerosas as reclamações, denúncias, e sobretudo o luto compartilhado frente a inalterável violência, morosidade nos atendimentos em acidentes ou nas respostas para suas demandas por parte dos poderes institucionais (destacadamente os municipais e estaduais.) As dificuldades enfrentadas por diferentes grupos de trabalhadores(as) durante a pandemia, destacaram as já conhecidas péssimas condições estruturais e conjunturais do trabalho informal e precário no Brasil.³

Criado em 2010, o *Instagram*, um aplicativo para celulares, que por suposto deveria compartilhar *instantes pessoais*; a plataforma ganhou dimensões inusitadas como rede comercial, de interação pessoal e profissional e ativismos⁴. Como consabido, os espaços das redes virtuais capacitam em suas diferentes modalidades e formas de ativismos e interações (individuais ou coletivas) mobilizando também causas ou questões para debate. As transformações ultrarrápidas nestes espaços suprimindo ou criando demandas para seus usuários tornou-se um *marketplace*, e desenvolve recursos para o trabalho na própria plataforma que “cria” produtos exclusivos para seus trabalhadores(as) e usuário(as) que são também trabalhadores e trabalhadoras no espaço virtualizado de exploração da mão de obra. A agilidade no uso de imagens, vídeos e *hashtags*, permite o rápido desenvolvimento de interações de uma forma fácil e rápida na comunicação entre os “aqueles que oferecem o produto e os consumidores”.

³ Pela rápida difusão do termo uberização muito rapidamente visando diminuir quaisquer mal entendidos com o léxico largamente utilizado atualmente, recorro ao termo. O fenômeno uberização como tal, tende a explicitar o entendimento de vários autores já consagrados como “um novo tipo de gestão e controle da força de trabalho, também compreendida como uma tendência passível de se generalizar no âmbito das relações de trabalho (Abílio, 2017, 2020 *apud* Antunes; Rocha; Ferraz, 2022). Resultante “das formas contemporâneas de eliminação de direitos, transferência de riscos e custos para os trabalhadores e novos arranjos produtivos, ela (a uberização) em alguma medida sintetiza processos em curso há décadas, ao mesmo tempo que se apresenta como tendência para o futuro do trabalho” (Abílio; Amorim; Grohmann, 2021) por esse tanto oportuniza reforçar a compreensão e a análise da situação das pessoas trabalhadoras na economia informal da mesma forma como as políticas possivelmente aplicáveis ao seu entorno.

⁴ Para além da ausência de privacidade dos dados pessoais, tema sobre o qual não discutiremos no âmbito da pesquisa.

A partir dessa perspectiva podemos compreender como a facilidade da internet foi um ponto-chave para propagação do movimento, juntamente para a inúmeras reproduções em perfis individuais. Foi possível dimensionar, mesmo que pouco, como os recursos do *Instagram* foram usados a favor não só para organização das manifestações como também para continuidade de alguns e ver como a internet conseguiu romper os limites territoriais na perspectiva que esses grupos sociais conseguiram acessar manifestações de outros estados a fim de unificar e impulsionar as mesmas.

Consideramos que existe uma importância da ferramenta *Instagram* não só para efeitos dos estudos do trabalho digital, trabalho precário, plataformizado ou da diferente estruturação e ofertas de outros tipos de trabalhos mais especializados. Sobretudo, procuramos entender o *Instagram* -principalmente durante e após a pandemia- como lugar de luta, resistência e organização de grupos, associações, coletivos e sindicatos de trabalhadores e trabalhadoras.

Como eixo empírico, buscou-se observar pelos caminhos das páginas e perfis do *Instagram* as condições de trabalho, luta, e resistência enfrentadas por essa categoria em cidades do Brasil e algumas localidades da América Latina e América do Sul. Para observar mudanças nos movimentos das categorias, estudá-las e acompanhá-las, o *Instagram* é excelente campo de trabalho. O *Instagram*, entendido como suporte ou referência de busca, tornou-se nossa fonte de dados preferenciais, interlocução e observação, pois trabalhar com opiniões ou postagens exigem uma qualificação melhor sobre esse material de pesquisa.

Vimos através das redes sociais que elas foram um alicerce para esses grupos sociais, trabalhadores uberizados, pois foi a forma mais ágil para se manifestar e expor a precariedade vivida por eles diariamente. Diante dos dados levantados podemos ver como o *Instagram* pode ser usado como um recurso para os movimentos sociais, o fortalecimento e sua unificação, a partir disso podemos ver como a plataforma se desenvolveu diante de suas próprias peculiaridades, não somente como campo de resistência, mas apresentando funcionalidades para todos os usuários, onde cada recurso disponibilizado pode ajudar a promover mais ainda o movimento, o interessado, o usuário e a plataforma como espaço do capital, ou do mercado. Vale ressaltar que o *Instagram* se torna um meio de comunicação para a consolidação de movimentos e

mobilização, mas também para a criação de perfis e coletivos, trazendo notoriedade e reconhecimento de suas causas para uma amplitude de largo alcance diante de outros meios

Sujeitos ativos no *Instagram*, indivíduos, coletivos, associações e/ou sindicatos querem ser vistos e ouvidos em suas interações com seus seguidores. Ao manifestarem-se sobre suas condições de vida, trabalho, os processos de luta, as ambiguidades de exploração percebidas na vida na plataforma, suas formas de resistência, solidariedade e interação deixam de ser menos conhecidas ou vistas. As plataformas digitais, estão em perfeita sincronia com os objetivos do capitalismo contemporâneo no que se refere à paulatina retirada dos direitos do trabalho, direitos sociais e direitos previdenciários. A enorme contemporaneidade e globalidade na relação norte-sul não deixa dúvidas a despeito de flagrantes diferenças e contextualidades. Nessa modulação tempo-espaço, trabalho em plataformas é modo de incertezas e impermanências. A categoria trabalho na plataforma exponencia a lógica das informalidades do trabalho e da precariedade da vida contemporânea ao reforçar a plasticidade das atuais formas de flexibilização do trabalho, aproximada das diversas experiências do que se ocupa chamar de empreendedorismos digitais. Como um desafio metodológico, a plataforma pode e tende a mostrar distintas e diferentes faces do trabalho plataformizado. Para esse texto sua composição empírica está baseada basicamente em páginas do Instagram. As páginas e perfis abertos convidam seguidores, uma das formas como diferentes grupos se manifestam e/ou narram sobre sua própria vida, e como entendem o lugar que ocupam ou desejam ocupar no mundo da vida, ainda que virtual.

Neste caso foi possível observar o intenso ativismo cibernético e uma preocupação em deixar visível e compreensível o teor das reivindicações das postagens. As páginas utilizam linguagem acessível, recursos imagéticos, iconografia colorida, didática e quase sempre profissional. Exemplificamos brevemente com o primeiro movimento de entregadores(as) independentes de aplicativos de entrega de comida, "Los Deliveristas Unidos", composto em sua maioria por imigrantes hispânicos na cidade de Nova York (ESTADO DE MINAS, 2021). No caso de motoristas de passageiros (independente do gênero), a atuação no *Instagram* acontece muito mais nas páginas dos grupos de pesquisa, ativistas e acadêmicos, uma nova forma de interação

realçada durante a pandemia para divulgar estudos e estabelecer trocas e achados de pesquisas e leituras.

Os acelerados estudos e interesse no tema do trabalho digital e das plataformas, a aproximação de variados segmentos do trabalho a também diversos grupos de estudo e laboratórios de pesquisa da economia e sociologia do trabalho mostraram o algoritmo como um calculador com proprietários e não aleatório, cujas previsões possuem cálculos com interesses humanos e capitalistas. Aprender com os trabalhadores e trabalhadoras a desmistificar o algoritmo, como algo a se combater, porque o algoritmo é do patrão, veio a ser um dos avanços desvelados pelo ativismo nas plataformas nesses dois últimos anos. Destaque-se que esta luta não representou para a maioria das categorias de trabalho de plataforma uma conquista no plano dos ganhos reais.

Ao acompanhar e observar os coletivos, associações ou páginas individuais de trabalhadores de aplicativos, a quem seguem e quem são seus seguidores, é notória a formação e crescimento de novas redes a partir dos interesses que os seguidores de perfis do *Instagram* podem criar. Ao mesmo tempo que podem deixar de existir sem nenhuma explicação aparente. Ao seguir os perfis dos grupos estudados, a pesquisa buscou encontrar a formação de novas redes a partir dos interesses que seguidores de perfis do *Instagram* podem criar. Nessa sequência de novas redes e perfis, analisando de forma muito intuitiva o que está postado nestes perfis, nos textos de seus sites, seus *stories*, mais recentemente os *reels*, específicos sobre o trabalho em plataformas digitais em cidades no Brasil, e da América Latina.

Os perfis dos repartidores da Colômbia e da Cidade do México são muito ativos e alerta no tocante às violências sofridas nas ruas. O Sindicato dos repartidores do México é o primeiro a ser fundado com essa característica de movimento social. As condições de sobrevivência, de reprodução da vida e do trabalho mostradas são mais duras do que as que estudamos ou lemos nos primeiros relatórios produzidos pelos estudos e pesquisas acadêmicas e revelam em tempo real uma realidade virtual razoavelmente distinta.

À época da pandemia e posteriormente não foi surpresa confirmar o *Instagram* como um grande aliado no movimento do “Breque dos Apps”. Sua agilidade na divulgação e adesão dos usuários das entregas, as inúmeras reproduções nos perfis

individuais dos entregadores e entregadoras. A força do *#brequedosapps* se fez sentir como poucos hashtags no período da pandemia; os hashtags constituem ainda formas poderosas de tentar agrupar as publicações na plataforma.

A força do *#brequedosapps* se fez sentir como poucos hashtags no período da pandemia; os hashtags constituem ainda formas poderosas de tentar agrupar as publicações na plataforma. Nesta fase acompanhamos também alguns perfis como os “Entregadores Antifascistas RJ (@entregadoresantifascis)” que ganharam bastante notoriedade na época, não só por sua organização, mas também pelo surgimento de lideranças (locais). As causas não restringiam somente pelo sucateamento sofrido pelas condições do trabalho nas plataformas, mas também pela grande violência policial que a profissão de entregadores de moto e bicicletas sofre, ressaltando o explícito reconhecimento adequado da categoria como também seus direitos, como observa Trindade (2021).

Exploramos com maior detalhe o perfil brasileiro do coletivo *Señoritas Courier* (@senoritas_courier), reconhecido internacionalmente, destaca-se pelos seus diferenciais de trabalho e lutas desde sua criação. É um coletivo feminino e LGBTQIAP+ brasileiro, sua constituição também diferenciada, é formado em sua maioria por mulheres feministas.

Outro que acompanhamos inicialmente com detalhes pelo seu ativismo foi o Observatório de Plataformas (@observatorio_plataformas) do Equador, cujo perfil é mais tradicional, o que não significa de modo algum conservador. Esse perfil possui e veicula importantes publicações como cartilhas e textos acadêmicos, podcasts criativos e dinâmicos (para os quais a pesquisa prepara uma resenha para publicação). Possui uma organização mais institucionalizada, sendo também um coletivo de base feminista. Com ambos os coletivos mantivemos contato e conversas por *WhatsApp* ou pelo chat do *Instagram*. O Observatório de Plataformas do Equador e o Observatório de Plataformas do Peru estão muito abertos a uma maior aproximação acadêmica.

O crescimento e avanço de algumas associações nacionais e internacionais, a exemplo dos trabalhadores dos armazéns da *Amazon* em Nova York para estabelecer o primeiro sindicato da gigante de tecnologia nos EUA, que foi possível acompanhar também pelo *Instagram*, trouxe fôlego novo as indagações iniciais da pesquisa. Muito recentemente, perfis e páginas de coletivos de trabalhadores e trabalhadoras postam e

denunciam a razão de seus movimentos e atividades grevistas; um instrumento quase raro e considerado ultrapassado para confronto com o empregador.

Considerações finais.

Em sua proposta de análise, o estudo investigou perfis de trabalhadores e trabalhadoras de aplicativos e plataformas digitais, como usuários das plataformas digitais, buscando compreender seus efeitos sobre a subjetividade e suas interações. Trabalhamos com um eixo teórico conceitual sobre as mudanças no mundo do trabalho a partir de uma breve apresentação e contextualização da reestruturação produtiva e introdução do neoliberalismo econômico nos anos das décadas de final dos 80 e início de 90.

A partir do *Instagram* observamos as demandas sobre o legítimo uso do espaço público para o trabalho, suas necessidades materiais, objetivas e dificuldades relativas às precárias condições de trabalho e vida no trabalho, e do trabalho. Esse despótico ajuste espaço-temporal implícito no trabalho dos entregadores(as) por exemplo, faz ver as dificuldades intrínsecas das atuais formas cada vez mais precarizadas dos trabalhos informais nas cidades; na vida virtual, as diferentes configurações do trabalho nas plataformas digitais mais injustas para mulheres, mulheres negras e homens pretos e na formas de interseccionalidade não analisadas neste trabalho. Revelando o que claro, é muito importante: as ambiguidades da plataforma e suas dificuldades e contradições explicitadas ou não no discurso e complexidades do ativismo virtual. Os resultados iniciais da pesquisa, resultam em reflexões sobre as formas de resistir e comunicar. Em um mundo ávido por mais desregulamentações para o trabalho, ou regulamentações “desregulamentadoras” e empreendedorismos, as autoras consideram fundamental pensar sobre como o trabalho subordinado se modifica para se perpetuar.

No *Instagram*, as atuações ocorrem em consonância com o público que se deseja alcançar, consumir e ser consumido. Como um *marketplace*, o *branding* de uma página e um perfil traduz ou se revela aos poucos conforme a aceitação de seus seguidores(as), um produto ou ideia.

Acompanhando com estranhamento e imersão os distintos grupos de trabalhadores(as) de aplicativos do Brasil e de outros países, que, por sua vez, de modo

muito semelhante, estabelecem conversas e interações entre si e possuem iniciativas de confronto ou negociação com as três esferas do poder público.

Na onda internacional de mobilização dos(as) trabalhadores(as) de plataformas, por menos informalidades, precarização e precariedades na vida híbrida, nossos olhos precisam ajustar o foco, em razão dos esforços para driblar a dupla opacidade causada pelas telas de equipamentos da vida. Na vida online e offline, híbrida, que seja, a luta continua.

Referências Bibliográficas:

ABÍLIO, Ludmila C. **Uberização: a era do trabalhador just in time?**. Estudos avançados, São Paulo, v. 34, n. 98, abril de 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ea/a/VHXmNyKzQLzMyHbgcGMNNwv/?lang=pt>

ABÍLIO, Ludmila Costhek; KREIN, Dari J. **Trabalho, sindicalismo e informalidade na pandemia**. In: SEMINÁRIO SEMANA DE ECONOMIA, 2020. Instituto de Economia, Unicamp, São Paulo. Disponível em: <https://www.eco.unicamp.br/eventos/semana-da-economia-2020-10-a-14-8>.

ABÍLIO, Ludmila C.; AMORIM, Henrique; GROHMANN, Rafael. **Uberização e plataformização do trabalho no Brasil: conceitos, processos e formas**. Sociologias, Porto Alegre, RS, v. 23, n. 57, p. 26-56, agosto de 2021. ISSN 1807-0337. Disponível em: <https://www.seer.ufrgs.br/sociologias/article/view/116484/64099>

ANTUNES, Ludmila; FERRAZ, Marina; KRUGEL, Carolina. **Percepções sobre os fenômenos da informalidade e seus pares precarização e flexibilização : uma análise em construção sobre o trabalho nas plataformas digitais no contexto brasileiro**. In: Elói Martins Senhoras(org.) Paradigmas da administração: princípios e contextos ed. Atena: e-book, maio 2022, cap. 6. Disponível em: <https://www.atenaeditora.com.br/catalogo/post/percepcoes-sobre-os-fenomenos-da-informalidade-e-seus-pares-precarizacao-e-flexibilizacao-uma-analise-em-construcao-sobre-o-trabalho-nas-plataformas-digitais-no-contexto-brasileiro>

ANTUNES, Ludmila Rodrigues. **Reestruturação produtiva e sistema bancário: movimento sindical bancário brasileiro nos anos 90**. 2001. 256p. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Economia, Campinas. Disponível em: <http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/286319>.

ANTUNES, Ludmila Rodrigues. **Reestruturação Produtiva do Sistema Bancário: Uma Visão Histórica**. Revista de Gestão de Contabilidade da UFPI, Teresina, v. 1, n. 2, p. 155-175, 2014. Disponível em: <https://revistas.ufpi.br/index.php/gecont/article/view/1562>.

ANTUNES, Ludmila Rodrigues; ROCHA, Talitha Miriam A. **Sobre regulação e organização do trabalho de entregadores e motoristas de aplicativos em Niterói-RJ no contexto pandêmico**. *GT20 - Relações de trabalho, justiça do trabalho e sindicalismo*. Resumo apresentado ao VII Encontro Nacional de Antropologia do Direito, agosto de 2021. Disponível em: https://www.enadir2021.sinteseeventos.com.br/simposio/view?ID_SIMPOSIO=193.

ANTUNES, Ricardo. **Adeus ao trabalho?: ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho**. 11.^a edição. São Paulo: Cortez: Ed. da Universidade Estadual de Campinas, 2006.

ANTUNES, Ricardo. **O privilégio da servidão: o novo proletariado de serviços na era digital**. 1.^a edição. São Paulo: Boitempo, 2018.

ANTUNES, Ricardo. **Uberização, trabalho digital e indústria 4.0**. 1a edição. São Paulo: Boitempo, 2020.

Entregadores de Nova York, trabalhadores ‘essenciais’, exigem seus direitos. **ESTADO DE MINAS**, 2021. Disponível em: <https://www.em.com.br/entregadores-de-nova-york-trabalhadores-essenciais-exigem-seus-direitos.shtml>

GOMES, Laura Graziela; LEITÃO, Debora K. **Etnografia em ambientes digitais, perambulações, acompanhamentos e imersões**. Antro Político, Dossiê Temático, n. 42, 2017. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/antropolitica/article/view/41884>

MACEDO, Davi. **Plataformas digitais de trabalho são heterogêneas, avalia a socióloga Ludmila Abílio**. Brasil de Fato, 2021. Disponível em: <https://www.brasildefatopr.com.br/2021/09/27/plataformas-digitais-de-trabalho-sao-heterogeneas-avalia-a-sociologa-ludmila-abilio>

MACHADO DA SILVA, Luís Antônio. **Da Informalidade à Empregabilidade (Reorganizando a Dominação no Mundo do Trabalho)**. Cadernos do CRH/UFBA, Salvador, v. 15, n.37, p. 81-109, 2002. Disponível em: Acesso em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/crh/article/view/18603>

PIRES, Lenin. **Precários e Perigosos: Possíveis relações entre formalidade e informalidade em processos de administração de conflitos no Rio de Janeiro**. Disputas em torno do espaço urbano. EDUFBA, p. 337-354, 2017. Disponível em: <https://books.scielo.org/id/qh3hr/16>

TRINDADE, Karlili; BELLAN, Rafael. **O discurso do empreendedorismo na formação de um exército de explorados**. Anais do 7º Seminário Comunicação E Territorialidades, V. 1, N. 7, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/poscom/article/view/37833>